

ACESSIBILIDADE: O QUE ISSO TEM A VER COM O SUJEITO PRONOMINAL EXPRESSO E O SUJEITO NULO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO?

Melissa Giovana Lazzari

Graduanda em Letras – Português/Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: melissaglazzari@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho leva em consideração uma adaptação baseada na escala de acessibilidade (ARIEL, 1990) para analisar 160 ocorrências de sujeitos pronominalmente expressos e nulos retiradas de um *corpus* de língua escrita composto por notícias publicadas em um jornal popular. O objetivo é verificar se a acessibilidade toma parte na manifestação de sujeito pronominal expresso e nulo em português brasileiro; para isso, são feitas seis possíveis combinações dando conta de níveis de acessibilidade (alta, média e baixa) e da expressão do sujeito (nulo ou pronominal). Por fim, os resultados são apresentados e discutidos.

ABSTRACT: The paper presented here takes into account an adaptation based on the accessibility scale (ARIEL, 1990) to analyze 160 occurrences of null and overt subjects from a written language corpus composed of news published in a popular newspaper. The objective is to verify whether accessibility is part of the overt and null subject phenomenon in Brazilian Portuguese; to do that, templates are offered giving accessibility levels (high, medium, low) and the subject's expression (null or overt). Finally, the results are shown and discussed.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito nulo; sujeito expreso; pronome; acessibilidade; português brasileiro.

KEYWORDS: Null subject; overt subject; pronoun; accessibility; Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

Já é dado por uma ampla literatura que o sujeito expreso por pronomes opera como regra em português brasileiro (PB) (cf. DUARTE, 1993, 1995 *inter alia*). Contudo, sujeitos nulos e expressos pronominalmente parecem coexistir na língua, mas não de maneira equivalente. Paredes Silva (2007), por exemplo, elucida que o uso do sujeito expreso pronominalmente é preferível em contextos informais, como a fala, enquanto a escrita, mesmo que de registro próximo ao informal, privilegia a forma nula.

Em consonância com a discussão que se delineia acerca da distribuição entre sujeitos nulos e sujeitos pronominalmente expressos em contextos de anáfora, Lazzari (2019) e Othero, Ayres e Lazzari (2020), os quais, inspirados por Paredes Silva (2003), analisaram o contexto discursivo de conexão ótima (CO) e sua relação com o sujeito nulo em PB.

Em seu trabalho, Paredes Silva (2003) defende que “a escolha do pronome está fortemente correlacionada à não-manutenção do mesmo referente como sujeito” (PAREDES SILVA, 2003, p. 104), de forma que “quanto mais estreita a conexão entre um referente/sujeito e sua menção prévia, menor a necessidade de explicitá-lo, seja por um pronome ou nome (no caso da terceira pessoa)” (PAREDES SILVA, 2003, p. 105).

O exemplo oferecido por Lazzari (2019) e retomado por Othero, Ayres e Lazzari (2020) é o seguinte:

1. Entrevistador: O recheio é tipo um mousse, né?

L: É, recheio é leite condensado, creme de leite, depende da torta, né, mas **eu** faço com leite condensado, creme de leite, suco de limão, umas raspinha(s) de limão, **Ø** acho que é isso, não tem mai(s) nada.

Tomando o exemplo, podemos apontar que o primeiro sujeito tópico é *recheio*; na oração seguinte, contudo, a função de sujeito passa a ser ocupada pelo pronome de primeira pessoa singular (eu), de forma que não há

contexto discurso de conexão ótima entre os dois sujeitos – para que essa mudança de sujeito tópico fique clara, usa-se o pronome. Esse contexto, no entanto, pode ser verificado na oração seguinte, na qual se tem sujeito nulo (Ø acho que é isso, não tem mai(s) nada.)

Paredes Silva (2003) chama atenção não só para o contexto de igualdade de referente, mas também para o plano temporal discursivo. Havendo a manutenção do sistema de tempo-aspecto-modo verbal, tem-se um contexto favorecedor de conexão ótima (CO), o que pode ser verificado no exemplo acima, em que os verbos faço e acho mantêm os mesmos tempo, modo e aspecto verbais.

Os dados oferecidos por Othero, Ayres e Lazzari (2020) dão conta da primeira pessoa, tanto plural quanto singular, e são retirados de um *corpus* contemporâneo de língua falada, o LínguaPoA (BATTISTI et al., 2017), composto por entrevistas sociolinguísticas transcritas, realizadas entre 2015 e 2018. De um universo de 1.270 ocorrências analisadas, os números apontam para 433 sujeitos nulos (34%), a contrapartida expressa soma 837 (66%), percebe-se assim a tendência ao uso de sujeitos pronominalmente expressos no contexto estudado - o de língua falada. Conforme hipótese apresentada pelos autores, os nulos são mais expressivos em contexto de conexão ótima (63,5%), enquanto os expressos são mais frequentes em contextos de quebra da conexão ótima (67,8%). Tais valores podem ser conferidos nos quadros a seguir:

| Número Total de Ocorrências | Sujeitos Nulos | Sujeitos Expressos por Pronome |
|-----------------------------|----------------|--------------------------------|
| 1.270 (100%) | 433 (34%) | 837 (66%) |

Quadro 1: Sujeitos Nulos vs. Sujeitos Expressos por Pronome
Fonte: A autora. Adaptado de Othero, Ayres e Lazzari (2020: 4)

| Número total de sujeitos nulos | Sujeitos nulos em contexto de CO | Sujeitos nulos em contexto de quebra de CO |
|--------------------------------|----------------------------------|--|
| 433 (100%) | 275 (63,5%) | 158 (36,5%) |

Quadro 2: Sujeitos Nulos e suas distribuições
Fonte: A autora. Adaptado de Othero, Ayres e Lazzari (2020: 4)

| Número total de sujeitos expressos | Sujeitos expressos por pronomes em contexto de CO | Sujeitos expressos por pronomes em contexto de quebra de CO |
|------------------------------------|---|---|
| 837 (100%) | 271 (32,2%) | 566 (67,8%) |

Quadro 3: Sujeitos expressos por pronome e suas distribuições

Fonte: A autora. Adaptado de Othero, Ayres e Lazzari (2020: 4)

Haja vista o que foi exposto, o presente trabalho busca lançar luz aos sujeitos nulos e aos expressos por pronome, ao procurar entender como se dá a distribuição entre as formas na modalidade escrita da língua – o que será abordado oportunamente a seguir. Para tanto, é levado em consideração o fator *acessibilidade do referente* ao se operar uma adaptação da escala de acessibilidade proposta por Ariel (1990) dentro do quadro da Teoria de Acessibilidade (ARIEL, 1990)

O texto aqui apresentado se desenrola em três seções: a primeira abarca o referencial teórico e traz problematizações acerca do que será investigado; a seção de número 2 apresenta metodologia, hipóteses e a análise de dados; enquanto a terceira seção dá conta das considerações finais sobre o que foi exposto e os possíveis rumos para esta investigação.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

No tocante à Teoria da Acessibilidade, atribuída sobretudo a Ariel (cf. ARIEL, 1990, por exemplo), explora-se a relação entre a resolução da anáfora e fatores relativos à memória levando em consideração o estágio atual do discurso.

Dessa forma, sob a luz da teoria, tem-se a noção de que cada expressão anafórica codifica algum grau de acessibilidade mental com relação à entidade que retoma. Assim, as expressões anafóricas seriam marcadores de acessibilidade e constrói-se uma relação inversamente proporcional entre a acessibilidade do antecedente e a forma linguística escolhida para retomar esse antecedente no discurso. Quanto mais acessível está a informação (o referente), menor a possibilidade de essa ser retomada por uma expressão altamente informativa. Tomando o oposto: em se tratando de uma informação pouco acessível, a forma usada para recuperá-la será mais informativa.

É importante destacar que, quando uma entidade é introduzida no discurso, a sua acessibilidade não se mantém estável. Quando se retoma um referente através de dada forma anafórica, a forma anafórica tem relação

com a acessibilidade do referente naquele momento do discurso, de forma que, à medida que outros referentes são introduzidos, a acessibilidade desse primeiro irá se modificar.

Talvez uma das expressões mais conhecidas da teoria seja a seguinte representação, a escala de acessibilidade. Apresento a escala abaixo conforme colocam Morgado (2012:9) e Ferreira (2018:28):

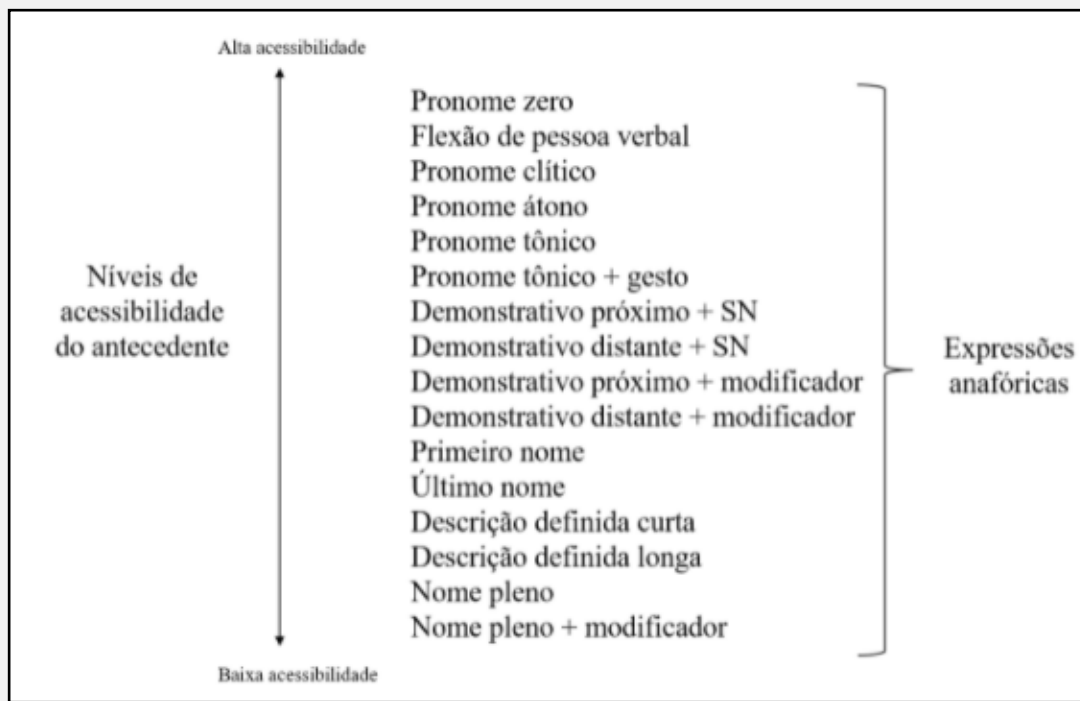


Figura 1: Escala de Acessibilidade.

Fonte: A autora. Adaptado de Morgado (2012:9) e de Ferreira (2018:28).

O seguinte exemplo¹ elucidava o funcionamento da escala:

2. Era uma vez um professor de Linguística. Esse professor começou a escrever um livro. Mas ele precisaria de ajuda para finalizar o trabalho; por isso, Ø; pediu ajuda para um colega, companheiro acadêmico de outras empreitadas.

Ao introduzir um referente no discurso, é esperado que seja através de uma expressão altamente informativa, nesse caso *um professor de Linguística*; em seguida, esse antecedente é retomado pelo que pode ser considerado através da escala um demonstrativo próximo + SN (*Esse professor*), o que acena para um grau maior de acessibilidade; tal forma será retomada adiante pelo pronome (*ele*) e, em seguida, pelo sujeito nulo, nível máximo de acessibilidade.

¹ Agradeço ao professor Dr. Gabriel Othero; o material foi fornecido em comunicação pessoal.

Em se tratando propriamente de sujeito nulo e sujeito expresso por pronome, o objeto de análise deste artigo, pode-se defender que o sujeito nulo é idealmente nulo, pois retoma, através da anáfora zero, uma informação altamente acessível; a contrapartida expressa pronominalmente apresenta um pronome, pois retoma um antecedente menos acessível.

Retomando a noção de conexão ótima (CO) exposta na Introdução deste trabalho, posso destacar que há semelhança e divergência entre o formulado por Ariel (1990) e o conceito de CO visto em Paredes Silva (2003), Lazzari (2019) e Othero, Ayres e Lazzari (2020). No tocante à semelhança: a ideia de acessibilidade parece perpassar a CO quando essa leva em conta que o sujeito não é expresso foneticamente por ter uma relação de identidade de referente com o sujeito anterior – retoma facilmente um antecedente antes mencionado no discurso (vide exemplo 1). Já acerca da diferença, cabe apontar que a CO é polarizada para Othero, Ayres e Lazzari (2020) e Lazzari (2019), ou seja, a CO é positiva ou negativa, existe ou não existe; a teoria de acessibilidade, mais expressamente através da escala, é um *continuum*, há graus possíveis entre os extremos, há níveis possíveis de acessibilidade e esse fator influencia na forma do sujeito, se nulo ou expresso por pronome. Acredito, assim, que a escala, ao proporcionar o *continuum*, é mais abrangente para casos duvidosos, que não mostram um grau claramente polarizado de acessibilidade quando em análise via CO. Ou seja, enquanto a CO coloca uma relação direta entre sujeito nulo e um grau alto de acessibilidade e entre um sujeito pronominalmente expresso e nível baixo de acessibilidade, as noções advindas da Teoria de Acessibilidade delineiam um *continuum* e podem nos oferecer uma visão de como o sujeito se comporta entre os polos.

2. METODOLOGIA, HIPÓTESES E ANÁLISE DE DADOS

2.1 O *corpus* escolhido

Acerca do *corpus* empregado na metodologia desta pesquisa, destaca-se, como já dito, se tratar de um *corpus* de língua escrita. Abordo aqui dados retirados de textos de um jornal popular da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, publicados nos anos de 2010 e 2013, disponibilizados pelo CorPop, *corpus* que reúne textos condizentes com a média de letramento da população brasileira (PASQUALINI, 2018).

Ao adotar a língua escrita, tem-se um discurso planejado, à parte de digressões e interrupções próprias da língua falada. Ao pontuar essa observação, entretanto, não se coloca a fala como oposta à escrita; aceito a

ideia de que ambas se inscrevem em um *continuum*, o que já foi delineado por outros autores (cf. PAREDES SILVA, 2007, por exemplo).

O estudo apresentado por Paredes Silva (2007) traz como parte do *corpus* textos jornalísticos. Inspirada na visão oferecida pela linguista, cabe pontuar que a escrita jornalística não se compõe como um gênero uno; o jornal apenas serve de suporte para vários outros gêneros: artigo de opinião, carta do leitor, notícia. Com isso, cada gênero abriga uma diversidade de gêneros. Em atenção a isso, cabe destacar que foram analisados textos do gênero notícia, de forma que podem ser destacadas como particularidades desse gênero a predominância de sequências narrativas, a exclusão das primeiras e segundas pessoas para que haja o predomínio da terceira pessoa, fato esse que está condicionado à construção das sequências narrativas e ao propósito de “atender a uma exigência de clareza e informatividade” (PAREDES SILVA, 2007).

Em se tratando de língua escrita, sabidamente distante em alguns aspectos das variantes faladas do PB, é interessante mencionar o que traz Duarte (2018). O aluno encontra na escola uma gramática que não reflete a gramática internalizada que esse traz de casa; há então um certo conflito: enquanto dados de análise da língua falada (conferir, por exemplo, o quadro 1 deste trabalho) constatarem que a função de sujeito é preenchida majoritariamente por pronomes foneticamente expressos, a gramática tradicional evoca formas obsoletas da língua para recomendar o uso do sujeito nulo. Com relação a essa situação, Duarte (2018) propõe o seguinte:

(...) essa aprendizagem do sujeito “nulo” é apenas parcial. Em certos ambientes sintáticos, com um antecedente mais distante ou em outra função sintática, o aluno (e todos os que escrevem nos mais variados meios de comunicação escrita) vai recorrer ao pronome expresso.

Duarte (2018: 11)

No que concerne ao trabalho de análise do *corpus*, foram criadas etiquetas para a análise do *corpus*, que eram atribuídas a cada ocorrência verificada. Os dados analisados eram de sujeitos expressos por pronomes pessoais e de sujeitos nulos; dessa forma, sintagmas nominais não foram analisados. Os dados analisados dão conta de todas as três pessoas do discurso, flexionadas tanto em singular quanto em plural; apresenta-se, assim, uma vista ampla das ocorrências, sem que se leve em consideração as particularidades relacionadas a cada pessoa do discurso.

Como já mencionado, os dados não distinguem as diferentes pessoas do discurso, já que esse critério não foi levado em consideração em um primeiro momento. Sobre o contexto verbal, destaca-se que foram levadas em consideração formas verbais finitas.

2.2 Alta, Média e Baixa Acessibilidade

Em se tratando do fator *acessibilidade do referente* e com relação à já citada escala de acessibilidade (ARIEL, 1990), levei em consideração que os pronomes reflexivos, clíticos e tônicos se localizam em níveis mais baixos de acessibilidade com relação ao pronome zero, que está em um grau máximo de acessibilidade. Dessa forma, operei uma espécie de recorte para chegar à seguinte formulação:

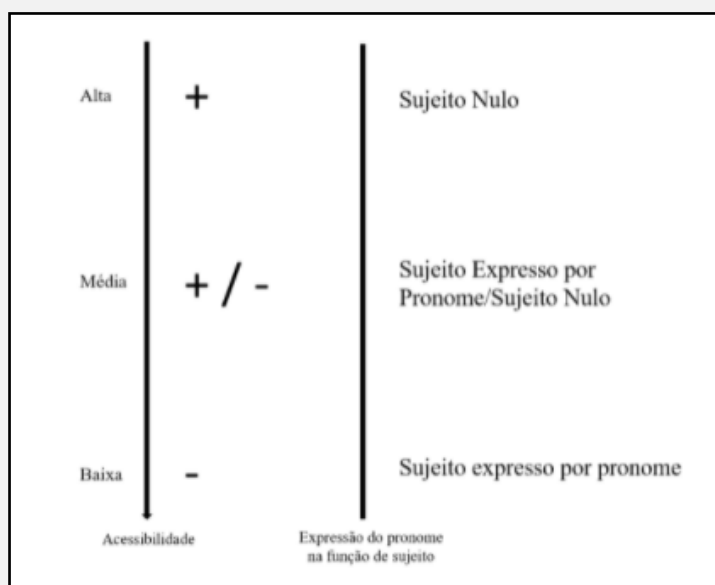


Figura 2: Relação entre Acessibilidade e expressão do pronome na função de sujeito.

A alta acessibilidade se refere à manutenção da função de sujeito com identidade de referente, conforme o exemplo abaixo, retirado do *corpus* explorado:

3. Dois homens_i entraram no ônibus que faz a linha Guaíba-Porto Alegre, Ø_i disseram para os passageiros abaixarem as cabeças e Ø_i atiraram em um jovem.

Nas duas ocorrências de sujeito nulo, destaco a alta acessibilidade já que a anáfora zero que ocupa a função de sujeito recupera facilmente o sujeito principal “dois homens”. É pertinente pontuar a relação que as estruturas

coordenadas têm com esse contexto: já é dado que essas construções favorecem o nulo de forma que mesmo em língua ditas não *pro-drop* o sujeito é nulo. Defendo aqui que esse fenômeno pode ser relacionado com a alta acessibilidade verificada entre os sujeitos, ou seja, a coordenação é um contexto de alta acessibilidade por excelência.

A média acessibilidade constitui-se na mudança de função sintática ou através de uma distância estrutural maior, o que coloca outros referentes no “caminho”, prejudicando uma relação tão clara quanto como a exemplificada anteriormente. Tem relação também com a ativação do referente, encarada aqui nos seguintes termos:

Construção/Ativação: (estratégia de referenciação) pela qual um “objeto” textual, até então não mencionado, é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceitual do modelo de mundo textual: a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo.

Koch; Penna (2011)

Tais critérios podem ser vistos a seguir, o exemplo é também do *corpus*.

4. O filho mais velho_i, Jhonattan, 13 anos, já não está mais na fase de brincar, mas nem por isso Ø_i deixou de acompanhar a mãe. Enquanto a irmã caçula passava de um brinquedo para o outro, **ele**_i contou como homenageou Roselaine no início do domingo.

O sujeito destacado (*ele*) retoma um sintagma nominal (SN) explícito anteriormente (*O filho mais velho*), que aparece com retomada anafórica nula na oração seguinte (Ø_i *deixou de acompanhar a mãe*). Contudo, no período seguinte à oração mencionada, há a ocorrência de outro referente na função de sujeito (*a irmã caçula*). Sabemos que o pronome *ele* retoma o primeiro SN na função de sujeito, entretanto a ocorrência do segundo SN na função de sujeito “quebra” parcialmente a acessibilidade, mas a informação está ativa, está disponível no discurso e é recuperada pelo pronome. Além disso, caso tivéssemos um sujeito nulo (Ø contou como homenageou Roselaine no início do domingo.), haveria ambiguidade já que o SN *a irmã caçula* poderia ser interpretado na função de sujeito se essa função não fosse ocupada explicitamente pelo pronome *ele*.

Ainda com relação a esse exemplo, cabe mencionar que a distância estrutural já é tratada por Ariel (cf. ARIEL, 2001, *apud* LUEGI, 2012, por exemplo) como tendo influência no fator *acessibilidade*. Não se trata do número de palavras que há entre a informação e a anáfora que a retoma, mas sim de quantas funções sintáticas são instauradas nesta trajetória; podemos ilustrar isso com o exemplo 4 o SN *a irmã caçula* ocupa a função de sujeito de uma oração aumentando a distância estrutural entre o pronome *ele* e o seu referente, o que faz com que a acessibilidade caia, favorecendo o emprego do pronome foneticamente expresso.

Acerca da mudança de função sintática, mencionada anteriormente como condicionante da média acessibilidade, destaco a seguinte ocorrência retirada do *corpus*:

5. O julgamento de Claudiomir Silva Furtado_i foi suspenso para que seja realizado exame de sanidade mental no réu. Ele_i é acusado de tentar matar Cleuton Silva dos Santos.

Aqui o pronome *ele*, usado na função de sujeito, faz referência à informação que antes ocupava a função de complemento nominal ((de) Claudiomir Silva Furtado). Temos, portanto, mudança de função sintática; é como se o pronome fosse usado para que a informação “inaugurasse” tal função.

Por fim, a baixa acessibilidade na função de sujeito pode ser apontada quando há uma distância estrutural grande – maior do que a verificada em nível médio de acessibilidade – entre o pronome referencial – nulo ou expresso – e seu antecedente. Algumas ocorrências envolviam também a mudança de função sintática.

6. Também vizinha do problema, Roselaine Ramos Goulart, 41 anos, mora em um lugar mais grave: em frente à árvore_i. Colega de profissão de Rosane, ela garante que suas reclamações começaram antes, no dia 12 de abril.

– Se ela_i cair, será por cima da minha casa – aponta Roselaine.

Conforme fica ilustrado pelo exemplo supracitado, o pronome expresso *ela* recupera *a árvore*, informação que ocupa outra função sintática diferente da de sujeito; além disso, entre essa informação e o pronome que a recupera, há outro referente: o pronome *ela* recupera *Roselaine Ramos Goulart*, o que aumenta a distância estrutural.

2.3. Hipóteses

Com relação às hipóteses que se busca comprovar neste trabalho, destaco serem as seguintes:

1. Haverá um elevado número de sujeitos nulos em comparação com os sujeitos expressos pronominalmente dada a natureza do *corpus*, haja vista que os dados são provenientes de um *corpus* de língua escrita, modalidade que privilegia construções com sujeitos nulos;
2. Os sujeitos nulos serão maioria em contexto de alta acessibilidade;
3. Os sujeitos pronominais expressos estarão em maior número distribuídos entre os níveis de média e baixa acessibilidade.

2.4. Discussão dos Resultados

Ao lançar luz apenas aos valores obtidos para sujeitos expressos por pronomes e sujeitos nulos, obtém-se o seguinte quadro:

| Tipo de sujeito | Números totais |
|----------------------------------|-------------------|
| Sujeito Nulo | 107 (66,9) |
| Sujeito pronominalmente Expresso | 53 (33,1) |
| Total | 160 |

Quadro 4: Sujeitos nulos vs. Sujeitos expressos por pronomes.

A hipótese I previa um elevado número de sujeitos nulos e um número menor para os sujeitos pronominalmente expressos, o que pode ser verificado conforme os dados do quadro 4 – o sujeito nulo (107 ocorrências) é tido como preferencial e privilegiado na modalidade escrita e, com relação a isso, soma mais ocorrências do que a contrapartida expressa por pronome (53 ocorrências).

Levando em consideração o fator *acessibilidade* e a forma do sujeito, é possível oferecer o quadro a seguir. Chamo atenção para a coluna *etiqueta*: cada ocorrência de sujeito nulo ou expresso por pronome verificada no corpus recebia uma etiqueta para posterior contagem e análise, as etiquetas foram criadas ao se operar as seis combinações possíveis levando em consideração alta, média e baixa acessibilidade e a forma de expressão do sujeito, se nulo ou pronominalmente expresso. Os exemplos oferecidos foram retirados do *corpus* em análise.

| Etiqueta | Exemplo | Números totais |
|---|---|----------------|
| SN+A (Sujeito Nulo com alta acessibilidade) | (7) <u>Edson</u> procurou atendimento no Dep, via 156. (SN+A) Ø, Pediu que a atendente lhe passasse alguém que poderia dar mais informações sobre o que seria feito. | 99 |
| SN+/-A (Sujeito Nulo com média acessibilidade) | (8) - Provavelmente, os crimes de segunda-feira e de hoje (ontem) estão relacionados, e o autor é o mesmo. Já identificamos o <u>suspeito</u> . É questão de tempo até que (SN+/-A) Ø, tenha sua prisão solicitada - informou o chefe de investigações da DP de Guaíba, Leonardo Gardel. | 4 |
| SN-A (Sujeito Nulo com baixa acessibilidade) | (9) <u>Ronise</u> precisou assumir as funções da direção em agosto, quando a dirigente até então faleceu. -Eu sou a responsável por <u>todos</u> aqui. Os bombeiros estiveram aqui na quarta-feira, mas (SN-A) Ø, não tivemos acesso ao laudo. | 4 |
| SP+A (Sujeito Pronominalmente Expresso com alta acessibilidade) | (10) Estudante de 15 <u>anos</u> , usou uma arma dentro da sala de aula para fazer o roubo. (SP+A) <u>Ele</u> , levou <u>R\$ 10</u> . | 22 |
| SP+/-A (Sujeito Pronominalmente Expresso com média acessibilidade) | (11) Rosane, abriu um número de protocolo e assegura ter ouvido que, em 30 dias, a secretaria daria, ao menos, um retorno sobre a solicitação. Não deu. Quando (SP+/-AC) <u>ela</u> liga para saber se há algum prazo para as providências, ouve sempre a mesma coisa: | 25 |
| SP-A (Sujeito Pronominalmente Expresso com baixa acessibilidade) | (12) As estrelas do evento, aberto ao público a partir das 16h, serão as biojoias feitas com escamas de peixe, como brincos, colares e pulseiras, produzidas pela Art'escama, uma grife mantida por mulheres da <u>comunidade</u> . Peças com couro de peixe, como carteiras e bolsas, também foram confeccionadas. - (SP-A) <u>A gente</u> , foi vendo que isso poderia ser uma forma de renda familiar. Daqui saíram muitas pessoas que aprenderam e foram até vender fora - conta Eny Velloso, 77 anos, nascida e criada na Ilha. | 6 |
| Total: | | 160 |

Quadro 5: Resultados da análise de *corpus*.

Em se tratando do exemplo (7), é evidente se tratar de uma construção coordenada, o que, conforme já explicitado anteriormente, assumo como condicionante de sujeito nulo pois podemos verificar alta acessibilidade nesse contexto. Os sujeitos em contextos semelhantes ao abordado somam 99 ocorrências. Com relação ao exemplo (8), justificasse o nível de acessibilidade como médio já que a clara mudança de função sintática (de objeto para sujeito), uma possível justificativa para o uso da anáfora zero é a pouca distância estrutural entre o sujeito nulo e o SN (*o suspeito*) em que está ancorado. A contagem das ocorrências semelhantes soma 4. O exemplo (9) expressa a baixa acessibilidade já que ocorre a mudança de função sintática e outra entidade é inserida no discurso através do SN *os bombeiros*, aumentando a distância estrutural. São 4 ocorrências nesse contexto.

Acerca dos sujeitos expressos pronominalmente, posso destacar que (7) e (10) estão em contexto semelhante: o de coordenação e, conseqüentemente, o de alta acessibilidade, contudo, a forma foneticamente expressa do pronome pode ser justificada pela construção usada pelo redator do trecho. Através de um estudo da língua falada, Ayres (2021) propõe que é uma tendência da língua não permitir que o verbo ocupe a primeira posição na oração, o que abriria margem para o uso do pronome expresso na função de sujeito e evitaria o sujeito nulo. Cabe lembrar que os textos analisados aqui são parte de um jornal popular, não é esperado, portanto, que os leitores do jornal tenham um nível alto de escolaridade, de forma que a escrita será mais próxima à fala para que seja compatível com o nível de instrução do leitor; pode-se sugerir, assim, que se trata de uma transposição de um fenômeno da fala para a escrita.

Ainda tendo em vista esse exemplo, cabe relembrar a expectativa da gramática quanto à realização de construções anafóricas: inicia-se pelo nome (SN, nesse caso, *estudante*), passa-se ao pronome (nesse caso, *ele*) e tem-se fim na anáfora zero, que não é realizada nesse exemplo. São 22 as ocorrências de sujeitos pronominalmente expressos em contexto de alta acessibilidade.

Com relação aos exemplos (11) e (12), pode-se apontar em (11) o aumento da distância estrutural entre o pronome referencial (*ela*) e o SN retomado (*Rosane*). Ocorrências nesse contexto somam 25. Já em (12), há uma distância estrutural maior e a mudança de função sintática, o pronome *a gente*, usado na fala da entrevistada retoma a informação contida na expressão *mulheres da comunidade*, que antes não ocupava a função de sujeito, tal contexto é verificado em 6 ocorrências.

Retomando as hipóteses anteriormente apresentadas, é possível confirmar a hipótese II – a qual previa que, dentre os sujeitos nulos, a maior contagem seria daqueles com alta acessibilidade. O resultado pode ser conferido a seguir:

| Nível de Acessibilidade - Sujeitos Nulos | Contagem |
|--|------------|
| Alta | 99 (92,5%) |
| Média | 4 (3,7%) |
| Baixa | 4 (3,7%) |
| Total | 107 (100%) |

Quadro 6: Distribuição dos sujeitos nulos nos níveis de acessibilidade

A hipótese III dava conta dos sujeitos pronominalmente expressos, os quais estariam majoritariamente em contexto de média ou baixa acessibilidade. Os dados estão expostos no seguinte quadro e apontam que a hipótese pode ser parcialmente comprovada, já que não é expressa uma diferença significativa entre o número de ocorrências:

Acerca dos dados no quadro 7, o que pode se apontar é o seguinte: os

| Nível de Acessibilidade - Sujeitos Pronominais Expressos | Contagem |
|--|------------|
| Alta | 22 (41,5%) |
| Média e Baixa | 31 (58,5%) |
| | 53 (100%) |

Quadro 7: Distribuição dos sujeitos pronominais expressos

pronomes na função de sujeito em baixa acessibilidade somam 6 ocorrências (em contextos de média acessibilidade, foram encontradas 25 ocorrências); o baixo número pode se justificar pelo fato de que a perda da acessibilidade de um referente implica a sua retomada por formas mais informativas (por exemplo, SNs), as quais não foram levadas em consideração neste trabalho. O mesmo raciocínio se aplica aos sujeitos nulos em baixa acessibilidade (vide quadro 6); a forma nula recupera, necessariamente, informações altamente acessíveis, o que fica expresso pelo alto número de ocorrências nesse contexto.

Os sujeitos pronominais expressos em contextos de média acessibilidade se mostram mais frequentes (25 ocorrências). Parece ficar delineado assim que a

média acessibilidade é o limiar entre o pronome e formas mais informativas; sujeitos nulos são produtivos em alta acessibilidade, sujeitos pronominais podem ser em alta ou de média acessibilidade. Ressalto que o recorte proposto aqui a partir da escala de acessibilidade (ARIEL, 1990) leva em consideração a parte mais elevada da escala, trabalha-se muito próximo ao polo de máxima acessibilidade – onde estão as formas anafóricas nulas ou pronominais. Não é esperado que pronomes apareçam na função de sujeito em contextos de baixa acessibilidade, conforme elucidam os dados apresentados.

O número de sujeitos pronominais expressos em contextos de alta acessibilidade pode ser justificado por conta de uma propriedade da gramática do PB, que parece seguir uma tendência de manifestação fonético-morfológica dos sujeitos pronominais, o que acena para a perda do princípio evite pronome (cf. DUARTE, 1993, 1995) e também para a alteração do estatuto da língua – de língua tipicamente *pro-drop* passa a ser uma língua de sujeito nulo parcial (cf. HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009). É válido (re)lembrar que trato aqui da modalidade escrita da língua, a qual privilegia nulos. No entanto, não parece lícito ignorar essa mudança no estatuto da língua; se o pronome na função de sujeito passa a ser mais presente na fala, é plausível pensar que esse fenômeno seja lentamente transferido para a escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos verificar a distribuição de sujeitos nulos e pronominais expressos em um *corpus* de língua escrita através do conceito de acessibilidade, encarada aqui como dependente da função sintática e da distância estrutural entre pronome referencial e seu antecedente, tendo por base a Teoria de Acessibilidade (ARIEL, 1990). No tocante às três hipóteses apresentadas, pode-se verificar um maior número de sujeito nulos em comparação com os expressos por pronome; em se tratando de nulos, a maior soma é encontrada no nível de alta acessibilidade; os sujeitos pronominais expressos se distribuem sem variação expressiva entre média e baixa acessibilidade.

O que foi apresentado aqui reflete apenas um esboço; certamente maiores investigações devem ser conduzidas. É necessário, por exemplo, aumentar o número de ocorrências analisadas para que se tenha, de fato, tendências gerais da língua; o mesmo raciocínio deve ser aplicado a *corpora* que tragam outras modalidades da língua, como, por exemplo, a língua falada e, ligado a

isso, as diferentes pessoas do discurso poderiam ser discriminadas para que seja possível comparar e perceber as particularidades de cada uma.

REFERÊNCIAS

ARIEL, M. *Accessing noun-phrases antecedents*. 1990. Reimpressão, Nova Iorque: Routledge, 2014.

ARIEL, M. Accessibility theory: An overview. In: SANDERS, T.; SCHILPEROORD, J.; SPOOREN, W. (org.). *Text Representation: Linguistic and psycholinguistic aspects*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

AYRES, M. *Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BATTISTI, E.; MORAS, V. T.; OLIVEIRA, S. G.; CORREA, R. C.; DUARTE, I. *LínguaPoA, acervo de entrevistas sociolinguísticas em constituição: desenho da amostra e resultados dos primeiros estudos*. SeTAL 2017.

DUARTE, M. E. L. ReVEL na Escola: Sobre pronomes pessoais na fala e na escrita. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 16, p. 1-12, 2018.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1993.

FERREIRA, V. R. S. *Processamento da correferência anafórica de hiperônimos e hipônimos em português brasileiro: evidências de movimentação ocular*. 2018. 88f - Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47392>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

HOLMBERG, A; NAYUDU, A; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009.

KOCH, I.; PENNA, M. A. de O. Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. *Cadernos de Estudos*

Linguísticos, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 23–32, 2011. DOI: 10.20396/cel.v48i1.8637252. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637252>. Acesso em: 9 dez. 2020.

LAZZARI, M. G. Motivações discursivas para o uso do sujeito nulo. *Anais do IV Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais*. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, v. 1, 2019.

LUEGI, P. *Processamento de sujeitos pronominais em Português: efeito da posição estrutural dos antecedentes*. Tese de doutorado - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

MORGADO, S. M. *Processamento da co-referência pronominal: informação sintáctica e semântica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6815>. Acesso em: 9 dez. 2020.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; LAZZARI, M. G. A conexão discursiva e a manifestação de sujeito pronominal e nulo em português brasileiro. *Paderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 4, n. 1, p. 28-34, 30 abr. 2020.

PAREDES SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PAREDES SILVA, V. L. Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáforas zero em gêneros da fala e da escrita. *Revista Linguística*, v.3, n.1, p. 159-178, jun 2007.

PASQUALINI, B. F. *CorPop: um corpus de referência do português popular escrito do Brasil*. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Submetido em: 09/02/2021

Aceito em: 19/03/2021